



"XEROX" DE GENTE

Herminio C. Miranda - (Extraído do Reformador, FEB, julho de 1980.)

(Recentemente, o mundo ficou chocado com a divulgação de experiência bem sucedida, realizada na Escócia, do clone de uma ovelha. Extraordinariamente estamos divulgando um texto, por sugestão do próprio autor, que, apesar de escrito há 17 anos, permanece perfeitamente atual e trata do polêmico assunto da possibilidade de se fazerem clones de seres humanos. Os Editores)

Com muitos dos habituais ingredientes das narrativas de ficção científica, a história (verídica) começou a desenrolar-se em setembro de 1973, quando David M. Rorvik, escritor especializado em assuntos de ciência, recebeu, na sua residência campestre em Montana, um enigmático interurbano de New York.

O homem ao telefone identificou-se como admirador do jornalista, demonstrando conhecer bem a sua obra e a de outros autores. Confessou-se já adiantado em anos, mas ainda vigoroso. Seu interesse maior localizava-se na área de engenharia genética. Gostaria de explorar "todas as opções" existentes e declarou que dificilmente se encontraria alguém mais afinado com o pensamento de Rorvik do que ele. Por que não se encontravam para uma conversa a fim de discutir assuntos e interesses comuns?

O escritor estava em guarda. Quem seria aquele sujeito e o que realmente desejava dele? Enfileirou algumas razões válidas para recusar o encontro.

Além do mais, estava empenhado, no momento, em escrever um artigo encomendado e já atrasado. Não dispunha de tempo, mesmo porque era um free-lancer, isto é, profissional autônomo, para o qual o tempo era uma das matérias-primas com a qual ganhava a vida.

Mas o homem insistia: provavelmente ele teria uma tarefa remunerada para Rorvik. Carta? Não. Era cedo para colocar as coisas no papel; ele preferia, antes, conversar pessoalmente. Aliás, estava com um compromisso marcado para a semana seguinte na banda ocidental dos Estados Unidos e podiam encontrar-se ali mesmo em Montana. Que tal?

Rorvik alinhou nova série de desculpas e evasivas. A longa conversa telefônica encerrou-se com uma frase de impacto:

– Você poderá ser, neste momento, a pessoa mais importante do mundo. Tenha cuidado!

Que seria aquilo? Elogio? Ameaça? Advertência?

Seja como for, o diálogo deixou o escritor perturbado. Nenhuma definição específica sobre quem era o homem e o que realmente desejava. Seria um maníaco com a cabeça cheia de fantasias, empenhado na tentativa de envolver Rorvik num esquema alucinado? Havia, por outro lado, um tom de confiança e lucidez na sua voz e na sua conversa. Tratava-se, por certo, de homem instruído e habituado ao comando. Sabia de descobertas e experiências que ainda não haviam alcançado os veículos de comunicação, inclusive o processo da manipulação de genes com o objetivo de criar novas formas de vida.

Dizia-se o solteirão, vitorioso homem de negócios e desejava um herdeiro masculino, evidentemente não pelos métodos naturais, pois, nesse caso, não precisaria da ajuda de Rorvik. Que outras "opções" tinha ele em mente?

Seria "aquela" opção?

Na semana seguinte ele ligou de novo para insistir no encontro que poderia ser em Montana mesmo ou em San Francisco. Ele pagaria a passagem de avião, é claro. Mantinha-se, ainda, evasivo quanto ao seu nome e às suas pretensões. O escritor não conseguia que ele fosse mais específico e menos misterioso. Tentou descartar-se, dizendo que, se o problema era ter um filho homem, ele poderia simplesmente consultar determinado médico da Universidade de Columbia para ter todas as suas perguntas respondidas com precisão e competência, pois há uma técnica para isso.

A resposta foi desconcertante. Sim, ele queria um filho, mas "não era exatamente um filho".

A essa altura, Rorvik tornou-se algo rude, deixando romper os diques da impaciência. Houve uma pausa e o homem do outro lado da linha começou a falar dos artigos nos quais Rorvik discutia o processo de clonização, ou seja, a reprodução de plantas, animais e, teoricamente, de seres humanos, sem a união de duas células sexuais, caso em que a planta ou o ser produzido seria uma cópia exata, como gêmeo idêntico do original.

Após esse preâmbulo, o homem despachou a sua "bomba" de uma só vez: estava disposto a gastar um milhão de dólares ou mais para obter uma cópia exata de si mesmo. Caberia a Rorvik reunir a equipe de técnicos capazes de realizarem a façanha. Negociariam um contrato de prestação de serviços tão logo pudessem conversar pessoalmente.

Embora o escritor houvesse suspeitado de que o objetivo do homem pudesse ser aquele, ele achara a coisa fantástica demais para que alguém desejasse tentá-la. Clonizar gente era uma espantosa e remota possibilidade num contexto de pesquisa no qual tudo parecia um tanto irreal, como o da engenharia genética. Ademais, seria caso de fazê-lo por dinheiro?

O misterioso cidadão ao telefone sugeriu que Rorvik não tomasse nenhuma decisão precipitada. Teria tempo para pensar. Dentro de alguns dias ele chamaria de novo e então voltariam ao assunto.

A pausa para pensar era defato necessária, mas Rorvik somente concordaria em retomar o assunto se o home se identificasse. Ele queria, pelo menos, estar certo de que o incrível projeto fosse mesmo para valer e não o trote inconseqüente de algum doido. O homem disse o nome que, aliás, nada significava para Rorvik. O escritor achava que um cidadão disposto a jogar um milhão ou mais numa aventura dessas teria que ser uma celebridade no mundo dos negócios. Pois não era.

Rorvik desligou o telefone com uma sensação de irrealidade. O homem dizia coisas tremendas com a voz mais tranqüila e segura do mundo. Não era um agitado e incoerente lunático. Falava bom inglês e sabia dizer o que queria e, sem dúvida alguma, sabia querer o que dizia. Isso, porém, em vez de simplificar a situação, tornava-a mais grave e difícil, pois introduzia na vida de Rorvik um fator de incerteza e desarrumação. Por outro lado, havia aspectos éticos importantes em jogo, além de seu prestígio profissional, pois, se o projeto resultasse numa dessas rematadas loucuras de algum excêntrico, ele perderia sua credibilidade, duramente construída ao longo dos anos. Quem seria, afinal, aquele homem?

Rorvik lembrou-se de um colega que trabalhava para uma publicação financeira em New York e ligou para ele. O amigo não tinha informações muito amplas, mas sabia algo sobre o estranho indivíduo. A pessoa existia, sim, informou ele. E era, no seu dizer, very big em determinado ramo industrial. Consultando rapidamente uma ficha, forneceu mais alguns dados históricos sobre o homem, que tinha reputação de ser extremamente hábil em orquestrar complexas operações de fusão de empresas. Era pessoa que não temia dificuldades de competição e tinha o cuidado de manter-se, tanto quanto possível, no anonimato.

Duas perguntas restavam na mente de Rorvik, ou melhor, uma pergunta só, com várias pontas soltas: "Poderia aquilo ser feito e, mais importante ainda, deveria ser feito?"Se as respostas fossem sim, sim: "Deveria ele, Rorvik, envolver-se no projeto?"

Na sua opinião, a humanidade já tem problemas demais por causa do seu crescente desligamento das bases naturais da vida, que ele identifica como "ar-terra-água", estando já muito envolvida com substâncias sintéticas, pré-embaladas e manipuladas pelos meios de comunicação. Ou seja: a vida já está ficando muito artificial. A clonização seria um golpe a mais para a perplexa mente de muitos milhões de criaturas, ao preconizar a criação de seres humanos igualmente sintetizados, plastificados, como "xerox" de gente. A óbvia conclusão seria a de que tais criaturas, produzidas mediante rígidas especificações, como o pão industrializado, seriam, também, desprovidas de alma. Pelo menos era o que muitos pensariam. A despeito de tudo, David Rorvik acabou concordando em ir a São Francisco para conversar com o misterioso milionário. Ainda um tanto inseguro quanto ao episódio que estava vivendo, teve a "paranóica preocupação" de informar a um amigo de confiança o nome da pessoa com quem iria encontrar-se. Tudo era possível num clima desses.

O industrial morava numa imponente e moderna mansão construída sobre uma elevação do terreno. Mandaram-no entrar e esperar num amplo escritório forrado de livros. Aguardasse ali alguns minutos, por favor.

Quando o dono da casa entrou, Rorvik observou que ele era bem mais alto e aparentemente mais jovem do que ele imaginara. Parecia ter uns 50 anos, no máximo 55 e não os alegados 67. Vestia-se discretamente de terno e gravata

e usava óculos de aros metálicos. Os cabelos eram escuros, grisalhos e curtos. Era fácil de ver-se que tinha confiança em si mesmo e estava habituado a ser obedecido. Após a vaga conversação inicial, entraram firme no assunto que os reunira. Durante horas estiveram naquela casa a discutir o problema. Pedira que o chamasse simplesmente de Max.

Como Rorvik insistisse numa exposição detalhada e franca das suas motivações, Max contou, com algum embaraço,

um pouco da sua história pessoal e do mistério das suas origens. Órfão ou abandonado pelos pais, passara, em criança, por uma série de lares adotivos. Achava que ter um filho era coisa muito importante – pelo menos "tão importante como dirigir um carro", para o que se exige permissão e habilitação específicas, como declarou Francis Crick, o Prêmio Nobel. Ele queria um herdeiro, mas não desejava expô-lo aos azares da genética. Em suma: morreria em paz (expressão que usou mais de uma vez) se pudesse ser o primeiro ser humano a "reconstruir-se", ou seja, "nascer de novo" num outro ser que teria, assim, a origem bem definida que lhe faltara. Acreditava que, dessa maneira, sua identidade poderia ser transferida para o seu rebento clonal. Haveria em tudo isso um risco: o de a criança resultar roubada da sua própria identidade, frustrada no seu desejo de ser ela mesma.

Considerava, também, a probabilidade de conseguir, dessa maneira, "enganar o destino" e, "possivelmente estender sua consciência além das fronteiras que a natureza parece ter imposto".

Como o leitor percebe, Max estava pensando em sobreviver à morte na pessoa de uma "xerox" de si mesmo. Aliás, é o que deixa consignado Rorvik neste trecho, que traduzo:

– Tem sido aventada a idéia de que os participantes de uma só clonização poderiam experimentar uma desusada empatia, quase telepática e presciente. Admitiu-se mesmo a idéia mística de que a noção consciente do mundo poderia, de certa maneira, sobreviver à morte do corpo, localizando-se na consciência clonizada.

Em outras palavras: uma vez conseguida a reprodução clonizada de várias pessoas, todos os que integrassem aquele conjunto de indivíduos da mesma origem biológica estariam intimamente ligados entre si, como se se utilizassem de uma só mente repartida entre eles.

Vamos dar uma parada na apreciação do livro de David Rorvik (In his image – À sua imagem – Hamish Hamilton Ltd., Londres, 1978), para examinar mais de perto o problema da clonização.

**

Basta o leitor recorrer à sua biologia ginasial para saber que quase todas as células do corpo humano têm no núcleo um jogo completo de 46 cromossomos nos quais está gravado o código genético do indivíduo. Quase todas e não todas porque as células específicas da reprodução – o óvulo, na mulher, e o espermatozóide, no homem – têm apenas metade dos cromossomos, isto é, 23, motivo pelo qual o mecanismo da geração de um novo ser somente é ativado quando essas duas células se unem. A não ser, pois, estas células, digamos incompletas, todas as demais dispõem da informação necessária para reproduzir um corpo físico.

Daí a hipótese aventada de que se for possível, por um processo delicadíssimo de microcirurgia, retirar o núcleo de uma célula – qualquer célula, menos a sexual – sem danificá-lo e colocá-lo dentro de um óvulo, do qual também houver sido extraído o respectivo núcleo, estaremos ante a probabilidade de desencadear o processo reprodutivo. Naturalmente que o ser resultante seria geneticamente idêntico ao doador do núcleo implantado, sem nenhuma herança genética da mulher que doou o óvulo, pois o código se acha gravado no núcleo da célula, onde se encontram os genes, e não no citoplasma. A contribuição genética da mãe se tornaria, nesse caso, desnecessária, porque o núcleo retirado do doador já traz a programação completa nos seus 46 cromossomos.

Daí partiram as especulações mais fantásticas. J. B. S. Haldane, considerado um dos mais brilhantes cientistas deste século, imaginou clonizar gente com algumas "características desejáveis" especiais, como insensibilidade à dor, capacidade de excluir seletivamente da audição os ultra-sons, visão noturna, estatura diminuta, etc. Tudo, como se vê, com finalidades estratégico-militares. (Ninguém imagina criar, por exemplo, um indivíduo mais compassivo, mais resistente ao mal, e assim por diante.) Jean Rostan, famoso biólogo francês, acha que a clonização poderia ser usada para promover a imortalidade através de uma série de indivíduos que iriam sendo substituídos como exemplares usados de um livro por uma nova edição do mesmo livro. O dr. Joshua Lederberg, Prêmio Nobel, achou possível eliminar o hiato das gerações (generation gap), de vez que, em virtude da similaridade das células neurológicas entre doadores e clonizados, seria possível passar o conhecimento diretamente de uns para outros. O dr. Elof Axel Carlson, da UCLA, sugeriu a clonização de alguns mortos importantes, a fim de trazê-los de volta à vida. Acha mesmo viável "reconstruir" o faraó Tutancâmon a partir de DNA residual ainda existente em sua múmia. O dr. James Danielli sugere colocar em ambientes diversas cópias idênticas do mesmo indivíduo, a fim de dirimir a velha controvérsia acadêmica que arde em torno do dilema: seria o caráter produto do meio ou da hereditariedade?

Já o dr. James Watson, outro Prêmio Nobel, acha que a clonização humana será o fim da civilização ocidental se não forem tomadas providências para impedi-la.

Tais especulações adquiriram impulso no princípio da década de 60, quando o prof. F. C. Steward e seus colegas da Cornell conseguiram obter brotos e raízes minúsculas a partir de células individuais retiradas da cenoura. Colocados na terra esses brotos e raízes vingaram e produziram cenouras perfeitamente normais. A palavra clonização deriva do termo grego klon, broto, ramo, galho. É portanto, basicamente, um processo de enxertia.

Daí se admitiu que, sendo possível clonizar legumes, nada impede que, em teoria, seja também possível clonizar gente. Tanto quanto sabemos, ninguém, até o momento, está cogitando do Espírito. Todos esses geniais cientistas estão convictos de que o ser humano é apenas um aglomerado celular criado por um feliz conjunto de acasos

evolutivos e mantido por um processo meramente bioquímico, ainda que da mais alta complexidade.

Em consequência, alguns apologistas da clonização fizeram um levantamento, indicando certas aplicações vantajosas para o método. Vejamos umas poucas:

· reprodução de indivíduos geniais ou excepcionalmente belos, a fim de melhorar a espécie humana e "tornar a vida mais agradável"; · reprodução dos mais sadios, visando a excluir o risco das doenças genéticas implícito na "loteria da recombinação sexual"; · obtenção de amplas quantidades de seres humanos geneticamente idênticos, de modo a permitir o estudo da influência do meio na formação do caráter; · obtenção de filhos pelos casais inférteis; · obtenção de crianças previamente especificadas à escolha dos seus responsáveis – genes de alguém famoso, de um parente morto, de um só dos esposos, etc; · controle do seio dos filhos; produção de seres idênticos para tarefas especiaisque exijam comunicação

de natureza telepática "na paz e na guerra (não excluindo a espionagem)"; produção de réplicas embrionárias de cada pessoa e que, armazenadas em congelador, serviriam para uso eventual como "peças de reposição" em transplantes;

· suplantação dos russos e chineses, de modo a prevenir o hiato clonal (cloning gap).

Como se observa, uma loucura total, em clima de autêntica ficção científica, da mais aterradora, tudo no pressuposto de que o ser humano é apenas matéria. Dentro desse esquema, para oqual só uma palavra seria adequada – diabólico –, seríamos todos criaturas sem alma, sem compromissos espirituais, programáveis em computadores e manipuláveis à vontade, segundo as fantasias e a estranha moral dos brilhantíssimos mestres da engenharia genética.

Já há mesmo quem especule sobre a existência futura de exagerada demanda para genes especialmente desejáveis, como os de Mick Jagger, John Kennedy eoutros.

– Um pedaço de pelo – escreve Rorvik – poderia, de repente, valer uma fortuna no mercado negro da clonização.

Dessas especulações e de inúmeras outras ainda mais desvairadas, emergiu um novo ramo de especialização intelectual: a bioética, que tem por finalidade discutir e, eventualmente, disciplinar, já que não teria poderes para prevenir, ou impedir, o inevitável envolvimento da pesquisa com os aspectos éticos da vida. Como por exemplo: o cientista é livre para tentar qualquer experiência, mesmo que contenha implicações de impacto previsivelmente negativo dos mecanismos que o processo evolutivo construiu ao longo dos milênios? E se criar um monstro? Ou um bacilo rebelde a qualquer droga inibidora? Ou uma mutação totalmente indesejável no ser humano?

* *

Voltemos agora ao fio da nossa conversa.

Em princípio, toda a tecnologia necessária à clonização de um ser huamano já existia ou estava a um passo de ser criada. Max queria um herdeiro masculino clonizado, cópia fiel de si mesmo, e assegurava que dinheiro não seria problema. Cabia, portanto, a Rorvik reunir a equipe capaz de realizar a proeza que consistiria, esquematicamente, no seguinte: conseguir um óvulo humano sadio (Max desejava que a mulher fosse jovem,bonita e virgem.); extrair-lhe o núcleo e substituí-lo por um núcleo de uma célula não-sexual de Max; conseguida a "fecundação" in vitro, isto é, em laboratório, reimplantar o ovo, já em desdobramento celular, no organismo da mesma jovem ou de outra, desde queo ciclo reprodutivo estivesse na fase certa; · acompanhar cuidadosamente a gestação; · fazer o parto.

* *

Depois de muitos contactos, marchas e contramarchas, Rorvik conseguir persuadir um grande nome da ciência médica a aceitar o encargo. Como sua identidade também teve de ser preservada no anonimato, Rorvik chama-o simplesmente (e significativamente) de Darwin.

Em reunião realizada no rancho de Max no sul da Califórnia (ele tem uma coleção de residências pelo mundo afora), o assunto foi exaustivamente debatido. Impraticável seria para nós examinarmos no exíguo espaço de um artigo meramente informativo todas as idéias "atiradas à mesa".

Não resisto, porém, ao apelo íntimo de abrir uma exceção para destacar um dos aspectos abordados.

O médico que Rorvik chama de Darwin não acha que a clonização seja um processo inatural. Segundo ele afirma, "o mundo está cheio de partenogenones (em inglês partenogenone é aquele que nasceu de partenogênese) e a maioria deles surge sem a ajuda do homem". Tais seres, cuja formação não é muito diferente da que produz clones, resultam dos chamados "partos virginais" (virgin births), ou seja, criaturas geradas exclusivamente pela mãe. O fenômeno tem sido observado em muitas espécies e foi até mesmo induzido artificialmente em mamíferos no princípio da década de 30 pelo dr. Gregory Pincus, que mais tarde se tornaria famoso como um dos "pais da pílula

anticoncepcional".

Segundo Darwin, há certa quantidade de partenogenones humanos. A dra. Helen Spurway, especialista em eugenia e biometria do University College, de Londres, assegurou que uma em cada um milhão ou dois de mulheres seria provavelmente nascida de mães virgens por autofecundação do óvulo sem interferência do fator masculino.

Convém lembrar, para esclarecer, que somente a célula reprodutiva masculina contém o cromossomo Y, capaz de criar um ser do sexo masculino. No óvulo, em vez da dupla XY do homem, existem dois X (XX).

** *

Retomemos, uma vez mais, o fio da narrativa.

Em local não identificado, com pessoas não identificadas, por meios não claramente descritos, tudo isso por óbvias razões de proteger o anonimato, começou a desenrolar-se o drama da criação clonal de um ser humano. Num país que suponho (não me perguntem como nem por quê) ser localizado no sudeste asiático, foi montado um moderníssimo laboratório de pesquisa anexo ao hospital ali mantido pela organização agroindustrial de propriedade de Max. Darwin e uma dupla de assistentes conseguiram um dia – cerca de dois anos e alguns milhões de dólares depois – chegar às condições desejadas e ansiosamente esperadas.

O óvulo de uma jovem sob o belo nome-código de Sparrow (Andorinha) "aceitou" o núcleo de uma célula de Max (sem nenhum contacto sexual naturalmente). Não me ficou bem claro, mas o núcleo parece ter sido extraído de uma célula cancerosa que, pela sua maior velocidade de reprodução mais facilmente se sincronizaria com o ritmo duplicador da célula sexual. O ovo começou a duplicar-se normalmente em ambiente de cultura apropriado. Em seguida, no ponto certo, foi reimplantado no útero da jovem que também o aceitou sem rejeição e a gestação prosseguiu tranqüila, sob a mais intensa vigilância da equipe. Com a necessária antecipação, a moça foi levada para algum ponto dos Estados Unidos, onde a criança nasceu em dezembro de 1976.

Sparrow, uma jovem de grande beleza e não menos marcante personalidade e inteligência, não permitiu que se filmasse o evento, como queriam, pois seria "imodesto" fazê-lo. Concordou, porém, em que um gravador ficasse ligado para documentar o primeiro vagido do primeiro ser humano clonizado.

Seria impraticável, a meu ver, descrever a cena final da aventura milionária sem reproduzir literalmente as palavras de David Rorvik:

Sparrow disse que desejara que a criança chegasse no Natal – que ainda estava a duas semanas. Max sentia-se visivelmente feliz de que houvesse acontecido aquilo em 1976 – sua contribuição ao bicentenário americano, disse ele. Darwin estava radiante. Mary (assistente de Darwin) parecia quase beatífica. Max sentara-se à beira da cama de Sparrow. Ela segurava a criança envolvida num pequeno cobertor, junto ao seio. Não era, pensei eu, exatamente um núcleo familiar. Mas era uma cena emocionante aquele velho, aquela menina e aquele estranho bebê. Fiquei a imaginar o que aquela enrugada criaturinha estaria a ver. E o que poderia saber. E se seria um bravo.

Uma palavra final, para concluir.

De minha parte, aceito, em boa-fé, a realidade desse menino. Seria injurioso tomar o livro de Rorvik como disfarçada ficção científica escrita de maneira especial para criar as aparências da realidade. É mais correto – é inevitável – aceitá-la como realidade imitando a ficção mais imaginosa. Suas implicações são tremendas e, infelizmente, muitos milhões de seres

estão despreparados para absorver esse impacto sem grandes abalos. Aqueles que continuam a pensar obstinadamente que o ser humano não passa de uma construção meramente bioquímica, ainda que terrivelmente complexa, vão achar que a ciência acaba de confirmar o materialismo biológico. Mais uma vez, pensarão, o homem agiu como Deus e criou a vida..

. O menino clonizado é, sem dúvida, uma "xerox" humana de Max, gerado no organismo de Sparrow, a partir de um núcleo celular extraído do corpo de seu pai (Pai?). Max acha que ele será também igual a ele, idêntico, psicológica, moral e intelectualmente e que, no bebê clonizado, ele, o velho Max, vai sobreviver na consciência partilhada.

Darwin e creio que até Rorvik hão de admitir esses conceitos ou coisa muito semelhante, pois vivem todos dentro do mesmo contexto materialista. Não é sem razão que o livro se chama "À Sua Imagem".

Não sei o que pensa Sparrow. O livro reproduz dela um mero "retrato falado", mesmo assim, bastante impressionante. Sinto no seu espírito insuspeitadas profundidades e não seria surpresa se um dia viéssemos a saber que ela é senhora de milenar sabedoria. Eis a esperança.

Quanto ao seu filho (Filho?), não há dúvida: ali está um Espírito que, encontrando reunidas as condições mínimas exigidas pelas Leis Divinas, reencarnou-se para uma importante tarefa, qual seja, a de demonstrar quão misteriosos são os desígnios de Deus e infinita a Sua sabedoria que por toda parte criou alternativas para o maravilhoso processo de renovação da vida.

– Não há nada que a natureza tanto deseje – disse Darwin a certa altura – quanto um bebê.

Um dia, quando o homem descobrir que nem a sua arrogância é maior do que a misericórdia de Deus, ele perceberá que, em vez de criar um ser inteligente, apenas descobriu um método que Deus havia criado para nos oferecer o maior número possível de opções entre as muitas que deixou abertas para que possamos chegar de volta a Ele.

– Dom gratuito de Deus é a vida eterna – disse Paulo aos Romanos (6:23).